

## **ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E O CURRÍCULO: TRANSFORMAÇÃO DA FICÇÃO EM REALIDADE OU REALIDADE EM FICÇÃO?**

Adenaide Amorim Lima\*

**Resumo:** O presente estudo analisa elementos presentes em conceitos de currículo relacionando com o currículo presente no *Admirável mundo novo* analisando e refletindo na perspectiva e possibilidade de sua reprodução a nossa sociedade atual.

**Palavras-chave:** Currículo. Realidade. Ficção. Sociedades.

### **Introdução**

O homem ao longo do tempo, com o desenvolvimento de suas faculdades mentais foi se dando conta das dificuldades de se viver em sociedade devido às individualidades de cada um, pois o próprio ato de viver constitui uma espécie de poder que em relação ao poder do outro gera conflitos constantes. Para se viver em sociedade de forma harmonia e estável é preciso que todos vivam de acordo as mesmas regras, mesmas leis, e que a liberdade se torne algo bastante restringida para que dela o coletivo se beneficie da mesma forma. Para Alguns pensadores é nesse contexto que surge o estado e suas instituições, como forma de poder supremo e controle social. A escola como uma destas instituições talvez não seja a principal nem a mais importante, mas é sem dúvida umas das mais eficientes pelo fato de inculcar desde muito cedo nas crianças as suas ideologias e pelo fato de quase todos ter de passar por ela. Porém, o estado sempre esteve atrelado a interesses específicos, seja de ordem religiosa ou econômica. E ao modelo de sociedade ideal sempre se configurou e procurou atingir a alguns desses interesses, onde a harmonia social era buscada ou pela aceitação das desigualdades, pela eliminação das diferenças de

---

\* Graduanda do curso de Pedagogia – VI Semestre, da Universidade Estadual do Sudoeste do Bahia (UESB), Campus de Vitória da Conquista. Email: adenaide2007@hotmail.com.

formas bárbara ou mesmo pela tentativa de se viver de acordo a uma forma de vida comum a todos.

As instituições sociais de acordo a dinâmica social tentam através de um modelo de currículo, mesmo antes de este ser conceituado em teorias, buscar moldar o homem às suas exigências. Adestra-se o corpo, a alma a mente. No entanto a sociedade pós-moderna com seu capitalismo selvagem parece querer adestrar o homem como um todo incluindo seu espírito. É justamente com esse modelo social pós-moderno que surge uma teoria do currículo que prega a eficiência e a racionalidade técnica e extrema, as ciências e as mais avançadas tecnologias que a sociedade utópica fictícia do *Admirável mundo novo*: harmonioso, fria, estável e eficiente nos leva a uma excelente oportunidade a refletir sobre o que o ser humano tem ganhado e perdido ao longo do tempo e os novos rumos que pretende-se chegar.

### **O currículo da eficiência e da racionalidade técnica**

Ao estudarmos sobre o currículo encontramos várias definições, mas nenhum conceito definido, isso porque ele pode se apresentar sob diferentes aspectos e se revelar com diferentes “faces” e principalmente atuar em diversos campos se não em todos. A teoria do currículo pode se apresentar tanto de forma abrangente como instrumento de coerção social ou específica no caso da instituição escolar ele atua como organizador e selecionador de conhecimentos tidos como úteis e verdadeiros dentro de disciplinas também selecionadas pelo mesmo.

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *currículum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2007 p. 150, grifos do autor).

Como um artefato socioeducacional que configura as ações de conceber/selecionar/produzir, organizar, institucionalizar, implementar/dinamizar saberes, conhecimentos, atividades, competências e valores visando uma “dada” formação, configurada por processos e construções constituídos na relação com

*conhecimento eleito como educativo* ( MACEDO, 2007 p. 24-25, grifos do autor).

Os autores descritos acima, ou mesmo outros não mencionados concordam em relação a vários aspectos sobre o currículo dentre eles o principal é que currículo é poder. E esse poder está presente em todas as relações da dinâmica social desde o princípio até a pós-modernidade, no entanto a sua definição e sua intencionalidade foram variando ao longo do tempo até chegar à forma que conhecemos hoje como controle do homem em quase todos os seus aspectos.

Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças. Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos (FOUCAULT, 2009, p. 29, grifos do autor).

A primeira teoria do currículo especificamente voltada para a educação surgida foi a de Bobbitt, foi ele quem denominou esse instrumento de poder de “currículo” posteriormente ele seria muito criticado pelos representantes na Nova Sociologia da Educação com suas teorias e diversos estudos sobre o currículo com influências dos críticos reprodutivistas e os neomarxistas da escola de Frankfurt. O modelo de currículo de Bobbitt prezava muito pela tecnoeficiência, voltada para a educação prezava pela eficiência e a racionalização dos resultados. A teoria do currículo de Bobbitt pretendia administrar a educação e a escola como uma indústria de onde deveria se obter lucros concretos, com amostras em números e resultados, tendo como parâmetro para a sua teoria essa nova realidade que começa a se instalarmos Estados Unidos com o Fordismo e Taylorismo e também seria uma solução eficaz e eficiente para o novo “problema” que surgia com a quantidade excessiva de imigrantes e a mistura de raças e culturas.

Uma massificação de tal currículo empregando em todas as crianças dos mesmos métodos se pretendia obter adultos eficientes com as mesmas capacidades.

Apesar das críticas que se tem feito as idéias do currículo de Bobbitt elas estão em toda parte, e constitui uma das bases fundamentais do sistema capitalista e no que diz respeito à educação voltada para o trabalho.

É nesse contexto que Bobbitt escreve, em 1918, o livro que iria ser considerado o marco no estabelecimento do currículo como um campo especializado de estudos: *The curriculum*. O livro de Bobbitt é escrito num momento crucial da história da educação estadunidense, num momento em que diferentes forças econômicas, políticas e culturais procuravam moldar os objetivos e as formas da educação de massas de acordo com suas diferentes e particulares visões (SILVA, 2007, p. 22, grifos do autor).

O que acontece na sociedade fictícia do *Admirável mundo novo* é que se dá uma eficiência tão perfeita por parte de todos os membros desta sociedade, cujas atividades são divididas e distribuídas conforme a casta dos indivíduos, sem que por eles sejam questionados. Sendo que cada qual desempenhando sua função tão perfeitamente que o lado humano do animal racional é anulado dando lugar ao artificialismo. Isso mostra uma forma alegórica da sociedade norte americana:

O século XX amanhece nos Estados Unidos da América pelos ritmos, compassos e tonalidades impostas pela multiplicação das transformações no tecido social, - iniciadas já nas últimas décadas do século XIX -, transformações estas motivadas por um novo industrialismo, [e conseqüentemente novas dinâmicas de exploração capitalista]. (PARASKEVA, 2005, p. 2, grifos do autor).

Procurando, através do currículo, a eficiência no contexto descrito acima, pretenderam ainda formular um movimento que, inclusive, surgia como cura social para as crianças delinquentes, crianças das classes pobres, imigrantes e grupos minoritários e ainda como a resposta socialmente correta para a inserção social. Reafirmando o currículo como manutenção da legitimidade do *status quo*:

Na verdade, e nesta cruzada destacaram-se Armstrong [para quem a formação manual era uma forma de corrigir os defeitos de carácter dos Afro Americanos], Washington [para quem a formação manual devia uma credível independência econômica para a comunidade

Afro Americana] e Du Bois [para quem a formação manual havia adiado o seu verdadeiro dever: contribuir para a igualdade social] (PARASKEVA, 2005, p. 2, grifos do autor).

O ser humano, sem dúvida alguma, é a criatura mais fascinante e complexa que já existiu e existe, tendo ele as suas características próprias de grupo como também suas características individuais. Não é possível isolar tais características, uma sempre reflete e age sobre a outra, numa espécie de círculo virtuoso. Porém, a todo instante, são incorporados novos elementos a esse ciclo, sejam do grupo para o indivíduo como também de um indivíduo que se estende para todo um grupo. Mesmo que esse ciclo nunca pare e nunca quebre ele nunca será o mesmo em sua constante dinâmica. Conceitos são quebrados, novos são criados, invenções antes consideradas revolucionárias hoje são tidas como ultrapassadas e inúteis, estudos que garantiam que certas substâncias antes eram maléficas hoje dizem fazer bem ou vice e versa. Todos esses processos acontecem numa dinâmica sem fim com seus encontros, desencontros, contradições e conflitos, no interior do grupo, no interior de cada indivíduo. Tal dinâmica revela um aspecto da humanidade: ela está em constante formação e transformação. Se isso é verdade precisamos perguntar, então, qual será o objetivo final?

Nós criamos a imagem da sociedade nessa base; e parece que estamos totalmente preparados para continuar a desarrumar as coisas, a fim de demonstrar exatamente quão firme e fielmente nós a endossamos. Este ingênuo egoísmo de nada desejar saber é a rocha da irrealidade em que se assenta nosso mundo (BAZELON, 1968 p. 59).

[...] os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra freqüentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão reduzidas a sua mais pobre expressão [...] (GUATARRI, 2006, p. 23).

Mas quem se importa? “Somos felizes” e o que realmente importa é estar de “bem com a vida” elevar nossa auto-estima. E se não temos dinheiro para ser felizes?

Não tem problema, a felicidade também pode ser comprada no cartão e dividida a uma prestação até chegar a um valor que você possa comprar. É assim que somos condicionados a pensar e a viver, nesse mundo cada vez mais artificial, frio e cruel, cujas ideologias mais diversas incorporou de forma inconsciente e sem questionamentos nos espaços destinados a formação do homem: a escola, a igreja, os meios de comunicação etc.

É costume sugerir que a ideologia pertence à região da consciência... Na verdade, ideologia tem muito pouco haver com consciência... é profundamente inconsciente, mesmo quando se apresenta em forma refletida. Ideologia é, sem dúvida, um sistema de representações, mas na maioria dos casos representações nada têm a ver com consciência; são usualmente imagens e ocasionalmente conceitos, mas é acima de tudo como estruturas que elas se impõem à vasta maioria dos seres humanos. Não por meio de suas consciências. Elas são objetos culturais percebidos-aceitos-sentidos e agem funcionalmente sobre os homens em um processo que lhes escapa. Os homens vivem suas ideologias como Cartesiano viu a lua a duzentos passos de distância: de maneira alguma como forma de consciência, mas como um objeto de seu mundo – como seu próprio mundo (ALTHUSSER *apud* GIROUX, 1983, p. 39).

O jovem dos dias atuais que já teve ou que ainda terá a oportunidade e o privilégio de parar e conversar com seu avô ou com outra pessoa idosa sobre como era a vida e as relações alguns anos atrás, pode ter a impressão de que eles viveram em outro planeta ou a certeza de isso se passou faz algum tempo. Vários sinais externos da vida social chamam a atenção e revelam essa mudança radical na composição social. Por exemplo, as famílias antigamente tinham em média de 10 a 20 filhos. O contexto imediato explica o fenômeno: a ausência de métodos contraceptivos e a vantagem de possuir uma grande quantidade de filhos garantiam a mão de obra na lida do campo.

A preocupação com a educação e com a saúde era mínima, principalmente com a educação uma vez que os pais analfabetos sequer tinham noção da importância da educação e acabava transferindo aos filhos este descompromisso. A moda não tinha lugar e nem importância, principalmente quando se vivia na zona rural, havia uma única roupa para passear e para festas. Geralmente tinha-se um único par de sapatos

durante a vida toda, e os materiais para o uso no dia-a-dia eram muito duráveis e reaproveitados ao máximo. Esse contexto imediato favorecia determinadas vivências sociais: as relações eram mais estreitas no que diz respeito ao contato humano e os valores e ao mesmo tempo limitada pela dificuldade de intercâmbio com outras culturas e devido à escassez de informação. Qualquer pessoa que tenha vivido há algumas décadas atrás e que presenciaram as diversas mudanças sociais, econômicas e tecnológicas não deixam de se chocar com esse novo mundo de possibilidades e de fazer esse paralelo.

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humano-individuais e coletivos - evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentescos tendem a ser reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gerenciada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra freqüentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão... (GUATARRI, 1990, p.23, grifos do autor).

Para alguns “[...] o resultado final da revolução tecnológica será um novo conceito de homem” (BAZELON, 1968, p. 16).

Todos os acontecimentos estejam eles ligados a qualquer época da nossa história, não são acontecimentos meramente simples, isolados e neutros, eles estão interligados por objetivos comuns, mesmo que sobre eles atuam um currículo cujo poder e saber são fragmentados para um maior controle em todas as relações e dinâmicas sociais. O currículo entendido como um artefato político, cultural e tensional, ou seja, um instrumento que não goza de neutralidade e é socialmente construído, interpretado e reinventado. No primeiro momento pode ser apresentado e tido como sem lógica, ou nenhum interesse. O currículo, desdobrado em seus componentes e proposto como guia seguro para a formação socioeducacional é o resultado de uma escolha em detrimento de outras.

É ele que de acordo com interesses de quem o controla vai moldando dessa forma a dinâmica social, seus valores, sua moral e inventando a sua verdade, enquanto verdade produzida de acordo com a finalidade de cada discurso, para justificar a política geral, no sentido descrito por Michel Foucault, enquanto uma microfísica do tecido social.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Seja qual for o tipo de conhecimento, de educação: tensional ou intencional, formal ou informal; seja qual for à área de atuação social do currículo ele sempre vai ser algo histórico, limitado e fruto de deliberações sociais, restrito ao conjunto de justificativas igualmente histórias, eleitas em detrimento de tantas outras:

Aquilo que é considerado currículo num determinado momento, numa determinada sociedade, é o resultado de um complexo processo no qual, considerações epistemológicas puras ou deliberações sociais racionais e calculadas sobre conhecimento talvez não sejam nem mesmo as mais centrais e importantes (GOODSON, 1995, p. 9).

Mesmo que o senso comum não saiba ou dê conta da dinâmica da realidade, a existência do currículo e sua atuação sempre será executado com o que foi proposto por uma determinada parcela da sociedade, a classe que detém o poder político e controla a sociedade – oculto ou explicitamente – cada membro da sociedade faz parte e é o resultado concreto dessa engrenagem.

O currículo e seu poder estão disseminados por toda parte e em qualquer sociedade e de qualquer cultura, sejam nas tarefas simples ou elaboradas, nas regras ou convenções sociais, o fato é que somos submetidos. Regras explícitas, como as leis,

por exemplo, ou outras formas de regras não explícitas apresentadas valores que uma determinada sociedade elege como corretas e verdadeiras, tanto na dimensão do agir como na esfera do pensar. É nesta sociedade, na qual procuramos sobreviver, com sua pluralidade e polaridades que existe uma noção de currículo macro: um poder maior de controle englobando e controlando currículos que controlam e atuam com um poder mais fragmentado: designados para atuar e controlar áreas ou redes mais específicas. Em outras palavras, o currículo está presente e atua micromaticamente em várias esferas sociais para alimentar e fazer funcionar uma dimensão maior de poder. Dessa maneira fazendo com que tudo esteja interligado e que a engrenagem de controle social nunca pare, mas tenha potencial de criar consistência e aniquilar a resistência de quem, por ventura, não concordar. Uma boa ilustração do que foi dito acima se encontra no livro de Aldous Huxley, *Admirável mundo novo*.

#### ***Admirável mundo novo: ficção espelho da realidade***

“A quem serve esta civilização que se diz moderna e funcional e, ao aparato das técnicas, sacrifica o espírito?” (HUXLEY, 1980, p. 5). Esta é uma indagação central, pertinente e reflexiva, ao momento que estamos vivendo tal como descrito nas primeiras páginas do livro *Admirável mundo novo*, escrito por Aldous Huxley e publicado em 1932. Um livro de ficção científica que narra de forma profunda, crítica e reflexiva a história de um mundo futurista e totalitarista semelhante à fase pós-modernista que estamos vivendo neste século XXI.

A sociedade descrita por Huxley não é muito diferente da nossa, exceto por algumas peculiaridades como, por exemplo, a ausência de religião e de família por serem estes considerados organismos sociais primitivos e ultrapassados.

Relações que a nossa sociedade finge não existir, no *Admirável mundo novo* são mostradas explicitamente. Por exemplo, em nossa sociedade há uma idéia de que todos nós somos iguais, independente de raça, credo, classe social, etc., enquanto que na ficção a sociedade é dividida por castas e identificada por uma letra grega e uma cor correspondente. As diferenças servem sim para dividir e qualificar os indivíduos e a

classe a que pertencem, de forma escancarada. Enquanto que na nossa sociedade igualdades de oportunidade para todos está implícito exatamente esse modo de dividir, selecionar, excluir e qualificar as pessoas. Ou seja, pessoas de diferentes culturas e contextos sociais sob um mesmo currículo é uma forma de garantir a manutenção do *status quo*.

Os Alfas são como se fossem a elite, o topo da pirâmide e são representados pela cor cinza, tem ainda os Betas (amora), Gamas (verde), Deltas (caqui) e por último os Épsilons representados pela cor preta e tidos como a casta mais inferior. Cada grupo é produzido para desempenhar uma função específica nesta sociedade organizada de forma perfeita e, eficientemente, fria.

Independente da casta, todos os indivíduos são produzidos em laboratórios com materiais genéticos de alguma forma selecionados, clonados e condicionados tanto biologicamente como psicologicamente. Enquanto que em nossa sociedade, o condicionamento se dá explicitamente de forma psicológica e de forma oculta biologicamente, sendo a escola um dos lugares bastante propício para que se efetive e naturalize tal procedimento. Porém, em nossa sociedade, aproximando a ficção de Huxley à realidade, é possível escolher o sexo, cor dos olhos, estatura do bebê e imunizá-lo de diversas doenças, etc. O que é que fica visível nesse poderio técnico sobre a vida humana? Talvez o desejo de fugir daquilo que nos caracteriza: a condição humana, como descreve Hannah Arendt, frente às atrocidades perpetradas pelos nazistas.

Recentemente, a ciência vem-se esforçando para tornar “artificial” a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. O mesmo desejo de fugir da prisão terrena manifesta-se na tentativa de criar uma vida de proveta, no desejo de misturar, “sob o microscópio, o plasma seminal congelado de pessoas comprovadamente capazes a fim de produzir seres humanos superiores” e “alterar (-lhes) o tamanho, a forma e a função”; e talvez o desejo de fugir à condição humana esteja presente na esperança de prolongar a duração da vida humana para além do limite dos cem anos (ARENDR, 2007, p. 10).

Refletir sobre isso, muitas vezes nos parece irreal e sobre humano, imaginar que a escola seja um organismo pronto a nos convencer a aceitar essas transformações que se dão como naturais parece idéia anti-natural e que depõe sobre a nossa condição humana. Mas o fato é que de forma lenta, em doses homeopáticas, quase não sentimos essas transformações, pois uma grande descoberta, normalmente, encobre outra. A condição humana, finita, não possibilita saber nem o início e nem o final da jornada, mas apenas viver o meio do caminho: o tempo presente. O currículo é sim uma ferramenta de poder capaz de nos conduzir de forma maleável a trabalhar em prol de um *Admirável mundo novo*.

Apesar de o ato sexual ser incentivando desde muito cedo, a idéia da procriação é, normalmente, encarada como ultrapassada e abominada pela sociedade fictícia. O sexo assim como qualquer ação tem um fim específico e está ligada ao desenvolvimento econômico e político das sociedades, mesmo as fictícias. “À medida que a liberdade econômica e política diminuem, a liberdade sexual tem tendência para aumentar como compensação” (HUXLEY, 1980, p. 5).

Outra coisa em comum com a nossa sociedade e a da ficção são as necessidades de fuga da realidade por parte dos seres humanos que vivem civilizadamente, ou seja, em uma sociedade constituída por regras e valores que reprimem os impulsos e os desejos naturais. No caso da sociedade do *Admirável mundo novo* uma alternativa para amenizar as angústias e frustrações era o consumo de uma droga chamada “Soma”. Essa droga tida como combustível de alegria deixava os indivíduos supostamente felizes e alheios a qualquer situação que os levariam a pensar e a insatisfação, como descreve Freud, num contexto psicanalítico.

Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos que nos fazem extrair luz de nossa desgraça. Satisfações substitutivas, que a diminuem; substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a elas. Algo deste tipo é indispensável. E a atividade científica constitui também um derivado dessa espécie. As satisfações substitutivas, tal como as oferecidas pela arte, são ilusões, em contraste com a realidade; nem por isso, contudo, se revelam menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental. As substâncias tóxicas influenciam nosso corpo e alteram a sua química (FREUD, 1997, p. 83).

Uma das coisas mais impressionantes deste livro é que segundo o próprio Huxley:

Vendo bem, parece que a Utopia está mais próxima de nós do que se poderia imaginar há apenas quinze anos. Nessa época coloque-a à distância de seiscentos anos. Hoje parece Praticamente possível que esse horror se abata sobre nós dentro de um século. Isso se nos abstermos, até lá, de nos fazermos explodir em bocadinhos (HUXLEY, 1980, p. 5).

Uma visão geral e bastante particular do livro *Admirável mundo novo*, como um todo, é que a sociedade é um sistema social como uma engrenagem perfeita e bastante harmoniosa com seus diversos setores, construída de forma onde não se comete erros, os erros nem sequer são cogitados. Assim nos acontece hoje, homens a todo instante, em busca da eficiência, agem como se fossem verdadeiras máquinas e, nesse processo, anulam aspectos afetivos e essencialmente humanos. Parecendo um caminho de mão dupla onde máquinas cada vez mais perfeitas que quase são humanas e com uma vantagem erram menos e cujo tempo de atividade é mais longo.

O que estará acontecendo? A ficção do *Admirável mundo novo* estará se transformando em uma realidade concreta ou nossa realidade, assustadoramente, está se transformando em uma ficção?

Seja qual for à resposta, se é que há alguma, só chegaremos de tal resposta mediante uma reflexão honesta do que ocorre à nossa volta, seja estudando o passado seja analisando o presente e conjeturando sobre o futuro. O que não podemos é achar que tudo que acontece ao homem, no nível pessoal, social e ideológico, é algo natural e fruto da evolução da humanidade.

## **Conclusão**

Assim como no *Admirável mundo novo*, em nossa sociedade as crianças são tidas como um investimento para o futuro. Elas são “treinadas” para que tenham uma

profissão e exerçam uma função na sociedade, para serem produtivos e consumidores ativos e não são ensinadas a serem livres e conscientes do seu momento histórico.

Vivemos hoje um período de pós-modernidade onde temos acesso a inúmeras tecnologias e temos acesso também a muitas informações em um espaço muito curto de tempo e de qualquer lugar do planeta e até fora dele. Um período de muito conforto de muito consumo e satisfação de diversos tipos de prazeres que conduz o indivíduo à crença de que somos livres e que podemos fazer escolhas.

De fato, as condições materiais, se comparada à época dos nossos pais, mudou completamente, bem como mudou o acesso aos bens de consumo. Ao mesmo tempo em que vivemos uma era de conquistas que nos leva a pensar no limite das descobertas, vivemos também um período de muitas crises: ambientais, políticas, econômicas, sociais, existenciais, emocionais. Estudar tudo isso, com profundidade, apesar da complexidade ou quase impossibilidade não pode levar ao desconhecimento de que tudo isso está interligado e que o mesmo poder que oprime e seleciona atua em toda parte, como promessa de libertação total.

Como protagonistas, se não do processo como um todo, dado a presença constante de um currículo que nos antecede, devemos tentar, da melhor forma possível, dar nossa contribuição ao momento histórico ao mesmo tempo em que entendemos a dinâmica e o funcionamento da sociedade.

## Referências

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAZELON, David, T. **Os artifícios do capitalismo**. Civilização Brasileira, 1968.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. 36 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FREUD, Sigmund. **O mal – estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GIROUX, Henry. **Pedagogia radical**. São Paulo: Cortez, 1983.

GOODSON, Ivor F. **Currículo**: teoria e história. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 11 ed. Campinas: Papyrus, 1990.

HUXLEY, Aldous Leonard. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Churysallis, currículo e complexidade**: a perspectiva crítico multirreferencial e o currículo contemporâneo. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2002.

PARASKEVA, João M. Uma abordagem simplista para um fenômeno complexo (Resenha). **Resenhas educativas**, p. 1-22. Disponível em: <http://edrev.asu.edu/reviews/revp36.htm> < Acesso em 25/02/2011 >.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

